

Atrás dos dados estatísticos estão os problemas humanos

19 JUN 1990

GAZETA MERCANTIL

Júlio Darvas*

Os dados estatísticos são frios e mudos. Mas, se eles pudessem falar diriam que atrás e dentro de cada número tem gente. Este simples princípio elementar tem, nos últimos anos, dificultado muito o acerto de rumo da vida e da economia brasileira. Gostamos do improvável, do jeito rápido de entender, apreender e, num ímpeto, passar à realização. Depois vemos no que dá. Um falso e inconsistente pragmatismo dificulta tanto a brasileiros quanto a estrangeiros entender as diretrizes, quando elas existem.

A dimensão e a diversidade dos nossos desafios estão a pedir; entretanto, que na construção efetiva do Brasil Novo haja menos açodamento. Tudo indica, e as estatísticas estão aí para afirmar, que problemas que temos pela frente já são de natureza macro, mas que as medidas e ações reais para resolvê-los ainda são micro. As grandes linhas e as diretrizes maiores podem, e muitas vezes devem, ser federais, mas a implantação e implementação delas, quase sempre, só podem ser municipais ou mesmo distritais. Temos, enfim, que conciliar a realidade política com a físcia realidade econômica e social. Aí está o "x" da questão. Vejamos o que dizem os números. Mas vamos olhá-los pela lente humana e até holística. Isto é, ver o todo e agir nas partes e por partes. Isso é mais complexo — mas é a única forma séria e certa de chegar aos objetivos. Por exemplo, se queremos resolver o nosso problema de moradias é preciso saber que anualmente precisamos, já em 1990, de mais 750 mil novos tetos. Como anualmente surgem 4 milhões de brasileiros novos — é só ouvir o choro deles. No outro extremo, 15% da população brasileira tem mais de 50 anos. Quase 25 milhões de pessoas que irão logo pleitear e precisar da aposentadoria. É



bom lembrar que desses homens e mulheres maduros, experientes e, muitos, cheios de vida, 60%, dois terços, têm mais de 55 anos. Apenas esses dados, simples, singelos e gritantes já nos indicam que devemos, urgente e imediatamente, mudar o nosso enfoque e a maneira de buscar soluções aos problemas nacionais. E as lições nos vêm de fora. Os mais modernos princípios políticos e econômicos são os integrativos e cooperativos.

É a junção, aparentemente paradoxal, da liberdade com a competitividade. É a quebra das barreiras e das ideologias. São estados todo-poderosos que, nos últimos cinquenta anos, substituíram e ocuparam o lugar do patriarcado e do paternalismo, dando lugar a um conceito novo — participativo e cooperativo — e altamente competitivo. O sucesso dos países orientais e asiáticos, com o Japão à frente, está fazendo mudar o eixo da economia do Atlântico para o Pacífico. Como isso ocorre simultaneamente com o processo de abertura política e econômica da URSS e, em consequência, da dos países do Leste europeu, a realidade já é clara e evidente. Talvez comecemos a ouvir e sentir que não é só aqui que queremos um Brasil Novo e que é quase universal o desejo de um mundo novo. E aí sabemos como os dados meramente estatísticos podem ser frios e errôneos. Por exemplo, no caso brasileiro, tentar combater a inflação sem aumento da produção, para não dizer da produtividade, é tentar caminhar na contramão da realidade. Não é combater e refreando o poder de compra que plantaremos e produziremos mais e melhor. Mas sim libertando quem quer e pode empreender e produzir. Incentivando e facilitando a sua vida. Desregulamentando e desburocratizando — uma receita que vale dentro e fora das empresas. Diminuindo custos e eliminando desperdícios. O Banco Central, na fase das famosas torneirinhas, forneceu um dado elucidativo que, de todo modo, é bom conferir e confrontar. Disse, baseado em alguma es-

tatística, que o valor dos salários mensais é da ordem de US\$ 3 bilhões, ou seja, 40 bilhões/ano, quantia que, por sua vez, representa algo em torno de 8% do nosso PIB, o formal e o informal. A pobreza do País, se os dados estão certos, está desnudada. Está armado um círculo vicioso que precisa ser urgentemente rompido. Pouca produção, baixo poder de consumo, custos altos e inflação. Que tal procurarmos fazer a nossa "perestroika" juntando as classes empresariais e trabalhadoras para quebrar essa corrente em-

pobrecedora e socialmente devastadora. A produção da riqueza e da prosperidade é tarefa de todos. Cada qual na sua profissão, na sua empresa, aumentar e melhorar a produção e a produtividade. E o governo deixar fazer sem intervir, sem tanto dirigir. Deixem de lado as estatísticas e caiam na real. Só mais e melhor produção derrota a tal da inflação. O remédio é competição. Vamos tentar?

* Administrador especialista em marketing empresarial e político.